

Cadernos Teologia Pública

O Livro de Deus na obra de Dante

Uma releitura na Baixa Modernidade

Marco Lucchesi

ano VIII - número 65 - 2011

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

O Livro de Deus na obra de Dante

Uma releitura na Baixa Modernidade

Marco Lucchesi

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VIII – Nº 65 – 2011

ISSN 1807-0590

Responsáveis técnicos

Cleusa Maria Andreatta

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Profa. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Profa. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Profa. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

O Livro de Deus na obra de Dante Uma releitura na Baixa Modernidade

Marco Lucchesi

Atendendo ao honroso convite do Congresso *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades*, pensei inicialmente numa leitura cruzada de Dante a partir da metáfora do *liber Dei*, com outras fontes, posteriores, como os livros imaginados por Khlebnikov e Botho Strauss, ligados, de algum modo, ao Paraíso 33, quando Dante nos diz:

*Nel suo profondo vidi che s' interna
legato con amore in un volume
ciò che per l'universo si squaderna*

E no seu fulcro, vi brilhar converso,
em perfeita e veraz composição,
tudo o que pelo mundo está disperso.

Pretendia visitar a ideia de unidade, de um livro cujas páginas se mostram dispersas no mundo e que reaparecem reunidas no Livro que é Deus, fonte dos arquétipos, compaginados pelo Amor.

Desejava apontar como a ideia de unidade é revisitada na obra de Khlebnikov, em cujos versos do livro único leio como os negros vedas, o Alcorão, o Evangelho e os livros dos mongóis vivem nas páginas de um só livro, por onde passam todos os rios e todos os mares da Terra:

*Единая Книга
Я видел, что черные Веды
Коран и Евангелие
И в шелковых досках
Книги монголов ...*

Vi que os negros Vedas,
o Evangelho e o Alcorão,
mais os livros dos mongóis
em suas tábuas de seda.

Depois disso, eu trataria do livro de Botho Strauss, da peça *Gro und klein: Szenen*, onde vemos Lothe diante de um volume enorme e todo em branco, diante do qual Lothe propõe uma série de questões irrespondíveis.

Nesse ponto, a figura de Sergio Quinzio, de severidade dantesca e de terribilíssima presença, acabou determinando a minha escolha. Um livro atravessado de questões difíceis e de toda uma selva de espanto. Sobre tudo quando o livro em questão, *A derrota de Deus*, traz desde o título um sinal de alerta: terá Deus esquecido as promessas do Reino, ou talvez não queira ou não as possa cumprir?

Uma espera sofrida de século a século. Quinzio responde com uma lucidez que fere como lâmina. E o mal-estar é maior porque feito por um teólogo *de dentro*, do mesmo horizonte religioso, que parte das profecias bíblicas e dos apocalipses.

A derrota de Deus lembra um livro inspirado por Nietzsche, Pascal ou Dostoievski. E, todavia, desde a cidade de Deus:

Martin Buber disse que Hitler obrigou os judeus crentes e não crentes a falarem de Deus, e esta não é uma de suas menores atrocidades: porque ou Deus fala, e então o escutamos, ou se fala com Deus, rezando, mas não se fala de Deus. Seja como for, para nós, e não apenas hoje, o divino não pode ser o horizonte, mas o problema. Estamos condenados a falar de Deus, porque não é mais fácil não falarmos dele nunca mais, como poderia prescrever Wittgenstein. Falar de Deus é possível – para o crente e o não crente que pensam. Justo pelo fato de falar de Deus, fazendo-o entrar em nossas equações teológicas e filosóficas, estéticas e científicas, políticas e antropológicas, o crente e o não crente se encontram, e no encontro se perde de modo anticristão a diferença, irrenunciável do ponto de vista da fé, entre fé e não fé.

O aspecto acidular dessas palavras – por onde se dissolve uma *teologia do excesso* – parece mover os temporais que desabam sobre o Livro de Jó e o Eclesiastes, os mesmos que deflagram um novo pacto entre a suprema Justiça e o curso da História. Seria melhor não *falar de Deus*, mas apenas *falar com Deus*.

Como atingir esse *solo a duas vozes*, se Deus não é o horizonte original, mas um problema difuso e quase insolúvel? Seria preciso passar do silêncio – da luz tabórica dos místicos, das orações, da teologia mística e negativa – para o discurso teológico e afirmativo sobre Deus. Com

todos os cuidados para não o transformar na grande aporia de um sistema.

Se Quinzio tivesse lido o padre Vieira, teria decerto assumido a estratégia de uma promotoria dura, apertando, acusando, assumindo o excesso contra a indiferença. Deve-se *falar de* com excesso. Tal como Vieira, imerso numa estranha partitura.

A derrota de Deus seria patente num reinado sem mando e poder. O drama da volta de Cristo, prometida para breve e prorrogada para sempre, é uma ferida no tempo:

Depois de dois mil anos se o poder da Encarnação e da Paixão do Senhor não nos tornou capazes até agora, vinte séculos depois quando soou a 'última hora' do mundo, de nos convertermos à santidade e à piedade, é insofribil pensar que nos tornaremos capazes agora, quando já esquecemos o sentido das promessas em que acreditamos. Vamos continuar por outros milênios a jogar o jogo de Deus, que não nos ajuda porque não o merecemos, e do homem que não está na altura de o merecer sem o seu auxílio? A palavra do juiz iníquo se fecha com outra pergunta: 'Mas, quando vier o Filho do homem, acaso achará fé sobre a terra?' (Lc. 18,8). A resposta só pode ser esta: ele deverá vir, se virá, malgrado a nossa falta de fé. E não será totalmente culpa dos homens se a fé estiver perdida. Estamos aqui apenas porque somos filhos desse imenso, atraso insuportável.

Como se os de Holanda estivessem na iminência de invadir nossas terras. Como se Vieira tivesse de lembrar a Deus o que Ele pactuara com os seus. Mas a diferença é que havia nele uma certeza de futuro, que o arrebatava.

Quinzio não escreve sob as luzes da guerra contra os de Holanda, mas sob o impacto da Shoá e de um Deus afogado no silêncio.

Seria talvez a perspectiva de um Deus fraco, bem mais dura que a dos teólogos radicais – os que afirmam a morte de Deus na cruz, saindo de cena para ceder espaço ao homem. Para eles, não seria um parricídio. Mas o lance generoso e derradeiro de um Pai que não lega ao filho a sombra de seu desassossego. A morte de Cristo seria a vitória de um Deus forte, que se imolou na cruz para os mortais!

Uma despedida consentida e trágica

O Deus de Quinzio, ao contrário daqueles teólogos, revela uma espécie de anemia profunda. Um deus com aquela *vontade ineficaz* de que falam os escolásticos, bem mais comprometida agora:

Apocalipse apresenta repetidas afirmações que a atual defunta teologia de matriz aristotélica nunca pôde levar seriamente em consideração. Vozes celestes gritam anunciando finalmente que “o império de nosso Senhor e de seu Cristo estabeleceu-se sobre o mundo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap. 11,15). “Assumiste a plenitude de teu poder real” (Ap. 11,17). Agora chegou a salvação, o poder e a realeza de nosso Deus, assim como a autoridade de seu Cristo (Ap 12,10). “Aleluia! Eis que reina o Senhor, nosso Deus, o Dominador!” (Ap. 19,6). Mas isso é dito profeticamente, na fé, na esperança desiludida há milênios. E, enquanto o indicador aponta para o futuro esperado, aponta-o desde a experiência de um Deus ausente do mundo, um Deus que deve alcançar misteriosamente a própria divindade mediante a dilaceração e a derrota.

Aqui se compreende melhor a ideia da derrota de Deus, através do *mistério* e da *força da iniquidade*: Deus e o Mundo coincidem abatidos nas chamas de um incêndio. Das cinzas haviam ambos de encontrar a purificação. Um Deus que morre, afinal. Uma Igreja que morre. E dessa trágica demanda o caminho para a vida – o que Deus vive na Cruz:

Um velho jesuíta da Pontifícia Universidade Gregoriana, Xavier Tilliette, escreve, em *Le cri de la croix*, que aquele grito é ‘a pura expressão do abismo. Deus entra

no terror e no frio da morte, sofre a queda vertiginosa no tártaro profundo, é a presa do anjo do abismo [...] Deus morreu, que grave palavra, diz Hegel. Conheceu as angústias da morte’. A descida aos inferos (Ef., 4,9;1 Pt., 3,19), que foi representada tradicionalmente como uma vitória triunfal, antes de ser de todo esquecida, aparece o êxito da queda e da aniquilação do Deus crucificado.

Como nos poemas de Turollo, tem-se a impressão – na pele da metáfora – de que Deus e o Cosmos representam um drama metafísico do qual não já não podem sair e cujo último ato é a morte. Como etapa, talvez. Como estação. Tão dura que parece irrevogável. Como se a experiência da cruz e da morte estivessem inscritas para sempre na memória de Deus: “Tomando a carne humana de Jesus Nazareno, Deus não é mais idêntico ao que era antes. Sofrer e morrer na cruz deixou nele um traço indelével”.

Quinzio não aprofunda aspectos da vida endodivina, pois que se decide por uma *crisologia de baixo*, a partir de Jesus, que levou a carne para o seio da metafísica, o rosto do tempo para a comunidade atemporal. Deus não é o mesmo. E sentiu o sacrifício e a morte. Houve – diriam alguns – uma inscrição neuronal ou um corte biográfico. O horror – diz Quinzio – como única saída para a salvação:

Deus morreu há dois mil anos, e no trono divino, na nova Jerusalém descida do céu, senta-se com Deus, inseparavelmente, a sua imagem visível (Col. 1,15), o cordeiro destinado 'antes da fundação do mundo' (1 Pt 1,10) a ser degolado' (Ap. 5,6). O dia do Senhor, 'grande e terrível' (Gal 3,4), que já os profetas haviam insistentemente anunciado, e obsessivamente descrito com extrema violência, como fará o Apocalipse, enquanto selo das Escrituras, é o 'dia da ira, dia de angústia e de aflição, dia de ruína e de devastação; dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e de névoas espessas, dia de trombeta e de alarme, contra as cidades fortes e as torres elevadas' (Sof 1, 15-16). O dia do cumprimento da salvação prometida é o dia no qual 'toda a terra será devorada' e exterminados 'todos os habitantes da terra' (Sof 1,18). Este é o dia que os homens e Deus deveriam desejar e invocar (Rm. 8,26-27). O horror como extrema e única possibilidade de salvação. Uma demanda necessária e impossível ao mesmo tempo.

O fim do mundo e a ligação entre Deus e o homem saltam aos olhos. O último dia a que devíamos todos aspirar já não separa o criador da criação. Se o homem não pode ser salvo longe de Deus, tampouco Deus pode ser salvo longe do homem. Uma solidariedade necessária entre as partes que operam em conjunto, a partir da via transitiva em Cristo, a mesma que levou o homem

para Deus e que trouxe Deus para o homem. O combate para o bem e para o fim:

Mas se Deus está envolvido, como está escrito, na guerra, então a sua vitória ou a sua derrota, a sua subida ao trono de seu reino ou o nunca mais subir, e definitivamente tanto a existência como a não existência de Deus, tudo faz ou deixa de fazer sentido no êxito da luta. Deus é a salvação de Deus, não há nenhum Deus separado da sua e da nossa salvação.

Palavras terríveis, visceralmente marcadas, produtoras de uma nova economia: "Deus é a salvação de Deus". Tal como Vieira no famoso sermão *Para o bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, cuja tarefa consistia em converter Deus para Deus.

Assim, o Céu e a Terra, a História e a Eternidade mostram-se cada vez mais solidários no plano da salvação, como tratou recentemente, embora em outra chave, Roger Haight com seu *Jesus, símbolo de Deus*.

Em Quinzio, as dúvidas não conhecem fim, e ele não celebra uma paz romana para esses conflitos, que se adensam em carne viva na pós-modernidade:

Mas e se Deus for derrotado? Se Deus não salvar nunca mais? Se os mortos não ressuscitarem? Se as injustiças e os sofrimentos continuarem para sempre? Como a fé

poderá pensar nisso tudo? Será fé aquela que se vê precipitar para um êxito mais catastrófico, para a própria fé, do que qualquer catástrofe?

Uma questão rechaçada desde os primórdios do cristianismo. Mas lá estava a dúvida como ruído. E sem meio-termo.

Nada de uma quase Ressurreição. Ou tudo. Ou nada

Eis a coincidência de Quinzio com o cristianismo primitivo, a fé radical e o diálogo com Deus, sentido e dramático. Essa mesma adesão que os tempos atuais parecem ter dissolvido, a ponto de levar mais de um teólogo a trabalhar numa ciência de objeto vazio. Como se fossem conservadores de um museu esquecido. Vigários de um Bispo velho e cansado.

E se a derrota de Deus se mostrasse de todo irreversível, não sendo sequer um parêntese terrível dentro da economia da salvação?

Nesse caso, a tarefa será nossa. E não será apenas a de converter Deus para Deus, mas a suprema inversão de ressuscitá-lo:

Estamos unidos a Deus num sentido totalmente outro. No sentido em que nós também, com o Espírito que está em nós, morremos. Enquanto Deus é “derrotado”, “arrancado”, deixado cair da cruz como um farrapo inútil e esquecido, nós, com a nossa fé, subimos à cruz, combatemos a derradeira luta, a agonia, gritando: “Eli, Eli, lema sabachtani?” Assim – é o que pedimos em nossa súplica – se cumprirá o que ainda falta à Paixão de Cristo (Col, 1,24) e acontecerá a suprema inversão. O nosso sacrifício há de infundir vida, ressuscitará Deus. Deus que se ofereceu para nós, que espera de nós a salvação, é um Deus que deveríamos amar perfeitamente, mas ele nos deixou cansados, desiludidos e infelizes para o fazer.

Avançamos na modernidade e o modelo teológico parece não vestir nosso tempo e nem tampouco celebrar a liturgia de um mundo que ainda não sabemos. O desespero da tese de Quinzio mal se resolve dentro de uma dolorosa espera. Mas a janela permanece aberta. Estranhamente aberta. A comunicação transitiva. E a certeza de que é preciso salvar Deus e que o futuro entre Deus e os homens, a partir da nova equação do sacrifício, há de nos tornar mais próximos e menos infelizes, desde que sejamos capazes – cansados ou abatidos – de ressuscitá-lo.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *La divina commedia*. Paradiso, 33, versos 85-87. Edição de Natalino Sapegno. Florença: La Nuova Itália, 1985.

_____. *A divina comédia*. Trad. Cristiano Martins. São Paulo: Edusp-Itatiaia, 1979.

KHLIEBNIKOV, Vielimir. *Tvorenia*. Moscou: Sovietski Pissatiel, 1986.

_____. “O único livro”. Trad. Haroldo de Campos. p. 97-98. In: *Nova antologia: poesia russa moderna*. Org. e trad. Augusto de Campos, Boris Schnaiderman e Haroldo de Campos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUINZIO, Sergio. *La sconfitta di Dio*. Milão: Adelphi, 1992. Páginas citadas: 13, 38, 49, 58-59, 66, 64; 45, 96, 104.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Süss

- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi

- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 – *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 – *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 – *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 – *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 – *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 – *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 – *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 – *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 – *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 – *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 – *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 – *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 – *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 – *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé



Marco Lucchesi é professor associado da Faculdade de Letras da UFRJ, professor convidado da FioCruz, membro da Academia Brasileira de Letras e do Conselho Curador da Fundação Miguel de Cervantes. Graduado em História pela UFF, mestrado e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado pela Universidade de Colônia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e atuação principalmente nos seguintes temas: poesia, filosofia, língua e literatura, literatura italiana e discurso literário. Professor visitante em universidades da Europa e América Latina. Redator-chefe da revista *Tempo Brasileiro*, foi editor de obras raras da Biblioteca Nacional e da revista *Poesia Sempre*. Colunista do jornal *O Globo*. Recebeu diversos prêmios, dentre os quais o Jabuti, Marín Sorescu da Romênia, Cavaliere da República Italiana e o Alceu Amoroso Lima pela obra poética.

Algumas publicações do autor

LUCCHESI, M. A. *O dom do crime*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *Biblioteca Nacional 200 anos: uma defesa do infinito*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

_____. *Versschmuggel: Contrabando de versos*. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Ficções de um gabinete ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____; TEIXEIRA, Faustino. “Rûmî: um dos místicos mais abertos à cortesia e hospitalidade inter-religiosos”. In *Revista IHU On-Line*, ano 7, n. 242, São Leopoldo, 2007.

_____. “Rûmî se utiliza do poder soberbo das metáforas”. In *Revista IHU On-Line*, ano 7, n. 222, São Leopoldo, 2007.

_____. (org.) *O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî*. Rio de Janeiro: Fissus, 2007.

_____. *Meridiano Celeste & Bestiário*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.